

O DESEJO PELAS PERVERSÕES SEXUAIS EM BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA

Raneide Barbosa Sabino*; José Mario da Silva Branco**; Arthur Braz Vieira***; Arthur Clayton Gonçalves Santos****;

Universidade Federal de Campina Grande, raneideb@hotmail.com

RESUMO

As perversões sexuais são os diferentes atos sexuais presentes em toda sociedade humana, praticadas por algumas pessoas que possuem desejos anormais ou ortodoxos que podem ser considerado como um “desvio”. Vários são os tabus vivenciados até hoje pela população, o mais comum está relacionado ao fato de que, para a massa populacional, os "desvios" sexuais advêm tanto da influência vivenciada no meio, quanto por transtornos patológicos, e ainda podendo estar relacionado a algum tipo de possessão (é até cômico) implicando dizer que o “desvio” está diretamente relacionado á falta de um “deus” em sua vida, fato este (psicológico). Vale ressaltar que o desejo pelas perversões sexuais não é uma escolha, ninguém escolhe atrair-se por pessoas do mesmo sexo. A escolha é assumir essa homoafetibilidade e não “lutar” contra ela como se estivesse doente, mas a sociedade pretensiosamente atribui a essa escolha como sendo homo afetivo. Por tanto, este artigo propõe um diagnostico sobre o desejo pelas perversões sexuais no romance *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha (1895) considerado uma das primeiras obras a tornar público á questão da homossexualidade, o negro, o sodomita e a mulher masculinizada entre os protagonistas da obra, e também expor as criticas da época em relação ao autor e sua obra. Visto que, *Bom-Crioulo* tão somente é, uma imagem naturalista dos dias atuais.

PALAVRAS CHAVES: Homossexualidade, desvio, desejo, criticas.

INTRODUÇÃO

Bom-Crioulo de Adolfo Caminha, publicado em 1895, casou grande polêmica por ser o primeiro romance brasileiro que descreve a relação do homossexualismo entre os protagonistas, e também por retratar o romance do grumete por uma ex-prostituta, esse delineamento será atingido por meio de um papel amplo investigativo do diagnostico sobre a realidade humana. No presente século, o autor Adolfo Caminha, seria merecedor de grandes elogios, uma vez que, foi humilhado e bastante criticado

(MAGALHÃES, 1920). Vários escritores tinha sido insanos pelos comentários francos, num importante momento Ethan Samuel Brackett (1994) indaga a facilidade com que Caminha relaciona os temas gênero e raça ao redor da oposição entre homem e mulher, negro e branco, senhor e escravo, à medida que o romance se desenvolve desde a conquista do grumete branco pelo antigo escravo negro. Partindo dessa comprovação, o presente artigo tem como objetivo apresenta o desejo pelas perversões sexuais, no caso do tema homossexualismo, que funciona como um desvio sexual, e também o triangulo amoroso entre os personagens da obra, como em *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis, que relata o romance de Bentinho e Capitu, e os ciúmes de José Dias. Ao contrario do romance, Bom-crioulo não são dois homens apaixonado pela mesma mulher, e sim, um homem e uma mulher apaixonado pelo um mesmo homem.

METODOLOGIA

Para a realização do devido artigo, contou-se com a obra Bom-Crioulo de Adolfo Caminha que faz uma exposição das concepções de identidade dos personagens ao longo da história a fim de compreender o desejo pelas perversões sexuais. O tema que se tronou destaque em diversos âmbitos acadêmicos e literários, por servir de referência aos leitores foi publicado em 1895 no Rio de Janeiro, Bom-Crioulo de Adolfo Caminha é, portanto uma manifestação brasileira singular do homossexualismo. O fato de que a obra narra as vicissitudes de uma relação amorosa entre dois homens, confirma as afinidades entre os desejos pelas perversões sexuais e a homossexualidade, tendo como enredo o desenlace de uma relação homossexual entre o negro Amaro que aos dezoitos anos havia fugido da escravidão e o grumete Aleixo, ambos engajados na marinha. Apostam no Rio de Janeiro, e se instala em uma pensão na Rua da Misericórdia que tem como proprietária a portuguesa D.Carolina, onde vivem como uma família, até Amaro ser transferido para outro navio e ocorre a separação que o mesmo tanto temia. Na ausência do negro, D. Carolina seduz Aleixo o qual cede a seus caprichos. No decorrer da narrativa Amaro tem seu comportamento alterado que o leva a traços passionais, ao descobrir a traição assassina seu amor, o marinheiro Aleixo dando um desfecho trágico ao romance. A partir do breve prefácio acerca do enredo da obra, compreende o quão vasta são seus estudos investigativos nos sentidos da representação animalesca a que os personagens são submetidos.

A homossexualidade atravessa o romance como um domínio que aterroriza o narrador; cujos mistérios ele não consegue (e talvez intimamente não deseje) desvendar. A primeira aparição de Bom-Crioulo foi motivos de intrigas sobre a vida pessoal do autor. Valentim Magalhães, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, admitiu gostar de livros com temas picantes, mas prossegue:

Ora o Bom Crioulo excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou noivados entre as hervas, à leido bom Deus, como no *Germinal*... Nada

disso. É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante natural, por ignóbil. Não é, pois, somente um livro faisandé: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus. [...]

Magalhães sugeriu então, que o livro foi baseado na própria experiência do autor e terminou por jogá-lo no caixão do lixo (20-21 nov. 1895, p. 1). A outra crítica veio de José Veríssimo, em 27 de novembro de 1895 "Bom-crioulo é pior do que um mau livro: é uma ação detestável, literatura à parte." Se fosse um professor de composição literária, fazendo abstração do tema escolhido, seria "repugnante", aplaudiria certas partes pelo estilo vigoroso e claro, embora por vezes incorreto, e lhe daria uma nota de progresso. Teria aconselhado o autor, contudo, de destruir o livro porque o sentimento popular atribui às obras uma semelhança com o seu autor. Julgava que, mais tarde, Caminha teria vergonha de ter escrito literatura pornográfica e obscena. (27 nov. 1895, p. 2).

Em fevereiro de 1896, Caminha responde a esses ataques, num artigo intitulado "Um Livro Condenado" lembro-se que todos os grandes escritores do século: Balzac, Flaubert, Zola, Huysmans, Maupassant e Eça de Queiroz tinham sido acusados de imoralidade e depois respondeu às críticas específicas feitas contra o romance. E Bom-Crioulo nada mais é que "um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal". Como nem Flaubert, Zola ou Eça de Queirós "praticavam incestos e adultérios monstruosos," pensa Caminha com alívio, tampouco ele seria homossexual. Bom-Crioulo seria também uma expressão literária brasileira de um ambiente de interesse pela natureza dos chamados desvios sexuais cujas manifestações culminantes mais expressivas em 1886. O romance transborda das categorias objetivas com que ele próprio circunscreveu a obra em seus artigos críticos. Terminou por enfatizar a seriedade do seu estudo sobre homossexualidade e ridicularizar a preferência de Magalhães por cenas de alcova e de bordel (CAMINHA,1896).

Provavelmente o autor era fascinado pelas perversões sexuais, suas obras retratam tal comprovação, em *A Normalista*, baseado num escândalo real em Fortaleza e trata da sedução duma moça pelo seu tutor, em *A Última Lição*, relata a sedução de um adolescente por uma mulher mais velha. Sua primeira prosa, a novela *Judite* retrata a tentativa de rapto da jovem esposa de um fazendeiro mais velho por um Dom Juan, enquanto seu último romance, *Tentação* descreve o adultério e a traição de uma amizade. (CAMINHA, 1977). É notório que as descrições da vida a bordo do navio são baseadas nas experiências pessoais de Caminha e é verossímil que ele observou exemplos de comportamentos homossexuais. Deste modo o devido artigo apresenta resultados de um diagnóstico que associou questões teóricas e históricas para realizar uma leitura analítica do diálogo entre a literatura e a ciência, tomando como marco uma perspectiva sociológica. Sendo também uma viagem em direção as suposições e fantasias que o presente século nos legou a respeito da natureza da sexualidade humana.

DISCURSÃO

Nos primeiros capítulos da obra revela entre linhas a presença de desejos inconfessáveis, de sexualidades misteriosas. Assim, Caminha chama a atenção do leitor para que espere o pior; é uma forma de introduzir um desconforto, que prepara o leitor para o temor maior de ver revelado aspectos terrível da sexualidade humana. O personagem Amaro era descrito como um “latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, gajeiro da proa – o Bom Crioulo na gíria de bordo” (pag. 22) recebe chibatadas por ter agredido impiedosamente uma segunda-classe que importunava Aleixo “belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se cousas” (pag. 23) que logo no início é apresentado como o objeto de proteção, interesse e desejo do protagonista. O sadomasoquismo parece ser um mecanismo de defesa cujo objetivo é aniquilar a irrupção de sexualidades perversas e indisciplinadas. Amaro aparentava ter grande pinta de homem com sangue nos olhos, mas de nada adiantava, pois era impossível negar esses desejos pelas perversões sexuais, desde a primeira vez em que viu Aleixo:

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho.

No final do terceiro capítulo, ao embarcar para o Rio de Janeiro o gesto de apreço culmina em consumação carnal do desejo sexual entre o negro e o grumete:

[Amaro] – Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza. (pag. 48)

O autor abre espaço para que uma subjetividade homossexual, ainda que precária, ganhe legitimidade ao se instaurar não como “paixão doentia e avassaladora”, mas sim como mais uma dentre as tantas paixões humanas. A relação entre os dois marinheiros, entretanto, só é possível porque mantém a simetria das relações heterossexuais socialmente aprovadas. A consumação do “delito contra a natureza” é possível porque Aleixo é sintetizado ao papel de uma mulher, ao lhe ser tirado a masculinidade, retira-se também a atuação na esfera pública. Que é um equívoco demasiado agressivo: em grande parte dos casos o senso comum junto à ignorância fazem pensar que todo homossexual ao assumir-se incorporara aspectos e características do seu sexo oposto, uma vez que, homossexual almeja ser mulher (o que obviamente é uma explicação vaga e rude, já que em grande parte dos casos isso não acontece). Tal hipótese é confirmada no momento da narrativa em que Amaro encontra-se insatisfeito “queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma mulher-a-toa propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação” (pag. 61).

Por conta disso, Aleixo revolta-se “o negro não lhe fazia muita falta: estimava-o, é verdade, mas aquilo não era sangria desatada que não acabasse nunca... no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, à mocidade... Ora, não valia a pena!”.(pag. 70). D.Carolina ouvindo parte de seu desabafo resolve bolar uma estratégia para conquistar Aleixo, certamente algo conspirava ao seu favor, certo que Amaro foi transferido para outra embarcação, podendo ver seu amante apenas uma vez por mês. Ao aproxima-se de Aleixo, apaixonou-se justamente por seus traços pueris e femininos, da mesma forma que Amaro, ao travar contato com o grumete. Aleixo, por sua vez, pouco antes de iniciar sua relação com Carolina, deixa claro que seus interesses em nenhum momento foram (com relação á Amaro) ou será (com relação à Carolina) o amor, ou mesmo a lascívia, o desejo e a paixão. Se por um lado os interesses de Aleixo em relação a Amaro e Carolina nunca forram estritamente afetivos ou eróticos, por outro, ambos os amantes de Aleixo nunca o consideraram um sujeito afetivo, mas meramente um “objeto” a partir do qual saciavam suas paixões. Isso pode ser comprovado quando se observa o olhar deitado por Carolina sobre o jovem grumete: que lhe atrai pela fragilidade, a virilidade ainda não despontada de Aleixo. Em outras palavras, pode-se afirmar que Carolina, da mesma forma que Amaro, vê em Aleixo um “jovem com ares de mocinha”.

É nesse instante que a casa, o lugar da privacidade emerge como domínio espacial legítimo para a expressão do desejo, tanto para Aleixo quanto para a própria Carolina. Presencia-se ao longo da narrativa um aumento quase exponencial da violência sexual com que Carolina recai sobre o jovem, a ponto de deflorá-lo “queria agora experimentar um menino, um criança sem barba, que lhe fizesse todas as vontades. Nenhum melhor do que Aleixo, cuja beleza impressionara-a desde a primeira vez em que se tinham visto. Aleixo estava mesmo a calhar, bonito, forte, virgem talvez...” (pag. 72). Invertendo assim as expectativas de atividade e passividade esperadas em um intercurso carnal heterossexual. Mesmo com uma mulher, Aleixo repete o padrão de comportamento passivo tão caro às heroínas românticas das obras canônicas da literatura brasileira, pois a própria voz narrativa deixa evidente que Carolina não desconhecias os intercursos carnis que se estabeleciam entre Aleixo e Amaro.

Pode-se notar aí o funcionamento de uma matriz heterossexual de sentidos, com um particular código da permeabilidade corporal, ao considerar legítimo apenas o “defloramento” estabelecido entre dois amantes heterossexuais ou, ao menos, entre um homem e uma mulher, não comportando o intercurso em um quadro de relações envolvendo sujeitos do mesmo gênero. Contudo, ao analisar a mente psicológica da qual todos os personagens se encontra é provável perceber que Amaro já tinha trinta anos, por ser negro e ex- escravo tinha receio de que ninguém o quisera, lembra que aos seus vinte anos teve experiência que não foram nada agradáveis “completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocio, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com “essas cousas” (pag.37) a homossexualidade, expressa assim por meio de uma gramática de perífrases e preterições . Bom-Crioulo certamente passou por traumas, ou um tipo de bloqueio sexual, até conhecer o grumete, o qual fez despertar o desejo “de unir-se ao marujo, como se ele fora

de outro sexo, de possui-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!...”(pag. 37). Apesar, de encontra-se no conflito entre mente e coração, pois se revoltava com a realidade “Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?”(pag.37). O desejo pelo mesmo sexo não pode ser meramente explicado, e sim a preferência mediante a pessoa em questão, algo muito complexo do qual não irei aprofundar.

Aleixo o outro protagonista tem quinze anos, filho de família de pescadores em Santa Catarina. É caracterizado com fortes traços de feminilidade “nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... ”(pag.62). Um equívoco comum cometido é crê que todo homossexual é afeminado (que possui traços femininos), óbvio que isso não é genérico. Em suma, nem todo heterossexual é simplesmente grotesco (no que se refere a traços) e por outro lado os homossexuais não possuem características marcantes feminino de ser. Por ser é um adolescente ingênuo, servias aos desejos do negro apenas pela gratidão, uma vez que conta seu verdadeiro sentimento “nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia-lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara!”(pag. 93).

Já D.Carolina, por ser ex-protisttuta fica provável as marcas do fato de que tinha certa fluência na esfera pública do poder, evidenciando sua masculinização, por sinal sabia como seduzir o menino de apenas quinze anos, do qual queria apenas o prazer e satisfação de seus desejos perversos. O conflito do romance acontece então, quando Amaro descobre a traição de Aleixo com D.Carolina, foge do hospital, o qual estava hospitalizado por se envolver em um violento confronto corporal e acaba sendo chicoteado até a exaustão, em função de uma série de ferimentos infeccionados. Fora ao encontro de Aleixo na pensão, fere-o, causando a morte. O corpo de Amaro, a partir desse momento, reduz-se a depositário da bestialidade, passionalidade e violência originárias dos ciúmes de seu amante marinho.

Adolfo Caminha culmina Bom-Crioulo com o final trágico que é simplesmente subscrito como consequência do caráter patológico da passividade feminina encarnada no corpo do grumete Aleixo, da masculinidade inscrita no desejo de Carolina e da bestialidade tida como inerente à raça negra. Amaro, sendo negro, é também representado como sendo mais suscetível aos abusos dos prazeres em geral, seja ao vício do álcool, à concupiscência ou à tendência à violência passional, e também como homem animalesco “mata para não morrer”, ou seja, se o tal Aleixo não fora dele não seria de outra pessoa, fato este que cabe analisar todo um contexto já que a “traição” pode ser vista de diferentes formas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bom-Crioulo é, contudo, muito mais do que um relato de fatos reais em forma de ficção nos dias atuais. Pode-se verificar como tese do romance, um destino trágico para as personagens que ousam ultrapassar os limites socialmente construídos no que soa à sexualidade e os desejos pelas prevenções sexuais. É importante salientar que tudo aqui citado são fatos comuns, mas que não pode ser generalizado. Embora por vezes possa celebrar como um dos primeiros (talvez o primeiro) romance brasileiro a tratar do tema da homossexualidade no continuum da história literária brasileira, não se pode perder de vista que a literatura tem papel crucial na construção e na cristalização de identidades de gêneros. O romance de Adolfo Caminha dá visibilidade para o sujeito homossexual na mesma medida que o alija de sua legitimidade como sujeito de direito, mesmo no plano da representação literária. Tal como as mulheres representadas na literatura romântica brasileira, o sujeito homossexual não ganha voz neste romance: eles estão reduzido epistemologicamente à condição de objeto de estudo de um roman à thèse.

BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, Pires de. Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906
- Andrade, Mário de. “Amor e medo.” Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Livraria Martins, s.d.
- ASSIS, Machado de, 1839 – 1908. Dom Casmurro: texto integral / Machado de Assis. -- -- São Paulo: Ed. Moderna, 1983.
- BRACKETT, Ethan Samuel. Erasing boundaries: construction of gender and race in Adolfo Caminha's Bom-Crioulo. 71 f. Dissertação (Bacharelado em História e Literatura) Harvard College, Cambridge, Mass., 1994.
- CAMINHA, Adolfo, 1867 – 1897.
- . _____. Bom-Crioulo / Adolfo Caminha. – 2. Ed. – São Paulo: Martin Claret. 2013. – (Coleção a obra-prima de cada autor, 102)
- . _____. Bom-Crioulo. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães-Editor, 1895a.
- . _____. Cartas Litterarias. Rio de Janeiro, 1895b.
- . _____. Um Livro Condenado. A nova revista, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p. 40-42, fev. 1896.
- . _____. A Última Lição. Ficção, Rio de Janeiro, v. 3, n. 24, p. 72-77, dez. 1977.
- . _____. A normalista. Ed. Sabóia Ribeiro. 6.ed. São Paulo: Ática, 1978.
- . _____. Tentação; No país dos ianques. Ed. Sânzio de Azevedo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- MAGALHÃES, Adelino. O Bom Creoulo de Adolpho Caminha. Revista Souza Cruz, Rio de Janeiro, v. 5, n. 37, sem pág. jan. 1920.
- MAGALHÃES, Valentim. Semana Litteraria. A Notícia, Rio de Janeiro, p. 1, 20-21 nov. 1895.

- MENEZES, Raimundo de. Adolfo Caminha, Esse Desconhecido. In CAMINHA, Adolfo. A Normalista. 3.ed. São Paulo: Jornal dos Livros, 1950. p. 5-14.
- _____. Dicionário Literário Brasileiro. 2.a ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MERRICK, Jeffrey; RAGAN JR., Bryant T. eds. Homosexuality in Modern France. New York: Oxford University Press, 1996.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. História da Literatura Brasileira: prosa de ficção, de 1870 a 1920. 3.a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NORDAU, Max. Degeneration. Trad. George L. Mosse. Lincoln: University of Nebraska Press, 1993.
- NORTON, Rictor. The myth of the modern homosexual: queer history and the search for cultural unity. London: Cassell, 1997.
- PAPI JUNIOR. Adolpho Caminha e a sua obra litteraria, pronunciado na sessão commemorativa do centro litterario em 8 de Fevereiro de 1897. [Fortaleza, 1897].
- PENALVA, Gastão. Adolfo Caminha. In PENALVA, Gastão. Subsídios para a história marítima do Brasil. v.2. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1939.
- PESSOA, Frota. 1902. Adolpho Caminha, 1867-1897. In PESSOA, Frota. Crítica e polémica. Rio de Janeiro: Arthur Gurgulino. p. 215-233.